

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO FACULDADE
DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS
Curso de Graduação em Farmácia-Bioquímica**

**Análise crítica sobre as relações e impactos do discurso
anticiência na condução da pandemia de Covid-19 no Brasil e no
mundo.**

Thamys Porto

Trabalho de Conclusão do Curso de
Farmácia-Bioquímica da Faculdade de Ciências
Farmacêuticas da Universidade de São Paulo.

Orientadora:

Dra. Maria Aparecida Nicoletti

São Paulo

2022

SUMÁRIO

	Pág
	.
Lista de Abreviaturas	3
RESUMO	4
1. INTRODUÇÃO	3
2. OBJETIVOS	5
3. MATERIAL E MÉTODOS	6
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	8
5. CONCLUSÃO	15
6. REFERÊNCIAS	16
7. ANEXOS	21

LISTA DE ABREVIATURAS

AIDS	<i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
ANVISA	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
Covid-19	<i>Coronavirus disease 19</i>
FDA	<i>Food and Drug Administration</i>
HIV	<i>Human Immunodeficiency Virus</i>
PNI	Programa Nacional de Imunizações
OMS	Organização Mundial de Saúde
SARS	<i>Severe acute respiratory syndrome</i>
SUS	Sistema Único de Saúde
WHC	<i>Wuhan Health Comission</i>

RESUMO

PORTO, T. **Análise crítica sobre as relações e impactos do discurso anticiência na condução da pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo.** 2022. no. f. _____

Trabalho de Conclusão de Curso de Farmácia-Bioquímica – Faculdade de Ciências Farmacêuticas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Palavras-chave: Anti-ciência; Coronavírus; Covid; Negacionismo;

O ano de 2020 foi marcado no mundo inteiro pelo início da pandemia da COVID-19 e pelo avanço de medidas restritivas fundamentais para conter o avanço da pandemia, a disseminação do vírus e o aumento do número de mortes. Apesar dos primeiros casos terem se iniciado em dezembro de 2019 na província de *Wuhan*, na China central, foi em 2020 que a doença alcançou proporções globais suficientes para a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, de que se trata de uma pandemia.

No Brasil, se observou desde então, um cenário contrário à mobilização mundial promovida pelas principais instituições de saúde, como a OMS, para impedir a propagação da doença. A disseminação de *fake news* e do negacionismo, com apoio do governo federal, se tornou um problema grave para o combate à pandemia, para a população brasileira e para os profissionais de saúde. Este estudo objetiva refletir os impactos do negacionismo nesse cenário, não só como ideologia, mas também como ferramenta de disputa política institucional no mundo globalizado, com foco na realidade brasileira na área da saúde coletiva.

1. INTRODUÇÃO

Os anos de 2019 a 2022 foram marcados na história pelo surgimento da pandemia da Covid-19 (*Coronavirus disease 19*), uma doença respiratória até então desconhecida, que rapidamente se alastrou por todo o mundo, atingindo diferentes nações, povos, culturas e governos e fazendo milhões de vítimas. O período foi também marcado pelo avanço e rigidez de políticas sanitárias a nível global como nunca se viu antes, sendo essas medidas fundamentais para conter a disseminação do vírus transmissor da doença e minimizar as mortes e internações [GREER, 2021].

Além disso, também foi possível observar o impacto dos avanços científicos e tecnológicos na área da saúde que se tornaram um elemento chave no combate ao vírus, como o sequenciamento genético das cepas e o uso de novas tecnologias para a produção de vacinas [GREER, 2021].

Paralelo a isso, também se observou o avanço preocupante de discursos negacionistas e da anticiência com relação à pandemia. Medidas sanitárias importantes, dados científicos sobre mortes e mesmo a eficácia de vacinas passaram a ser questionados a nível global. No Brasil, cabe destacar que esse discurso foi impulsionado pelo próprio governo federal, por exemplo, promovendo institucionalmente o uso de medicamentos ineficazes (o chamado “Kit-Covid”) [MAGALHÃES, 2021], questionando e dificultando o acesso a dados científicos sobre os números de casos, internações e mortes e retardando e dificultando a aquisição e produção local de vacinas. Analisar e compreender os impactos sanitários desses discursos é fundamental para evitar reações equivocadas a novas crises globais.

2. OBJETIVOS

Este projeto buscou estabelecer uma análise crítica sobre as relações e impactos do negacionismo e do discurso anticiência na pandemia de Covid-19 no Brasil e no mundo.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Artigos científicos publicados disponíveis nas plataformas *Scielo* e revista *The Lancet*, além de materiais jornalísticos com declarações públicas de representantes de governos e empresas e o relatório da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Pandemia de Covid-19 publicado pelo Senado Federal brasileiro em 2021. Análise temática e revisão documental como métodos.

3.1. Estratégias de pesquisa

Uso de ferramentas *online* de pesquisa para a consulta de artigos científicos e de publicações de imprensa contendo declarações de representantes de governos e empresas envolvidas no tema.

3.2. Critérios de inclusão

Publicações devidamente referenciadas em plataformas digitais de grande circulação e de órgãos oficiais reconhecidos e veículos de imprensa consolidados.

3.3. Critérios de exclusão

Publicações sem referência e de órgãos não oficiais

3.4. Coleta e análise dos dados

Não Aplicável

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Aspectos históricos sobre o negacionismo e a anticiência

O termo negacionismo se popularizou na década de 1980 pelo historiador francês Henry Rousso, que na época usou esse termo para descrever grupos antissemitas de extrema direita que negavam evidências históricas concretas sobre a ocorrência do holocausto, como o uso de câmaras de gás e o genocídio do povo judeu [ROUSSO, 1987]. Na época, grupos negacionistas tentavam conferir um respaldo científico ao seu discurso (por exemplo, se auto-nomeando “revisionistas”).

Cabe ressaltar que, de acordo com Henry Rousso, o termo negacionismo não corresponde apenas a esse período da história, mas também a outros acontecimentos similares, como a negação da responsabilidade do governo turco pelo massacre dos armênios em 1915, ou a negação por políticos japoneses de que tenham ocorrido crimes de guerra contra mulheres durante a guerra sino-japonesa [VALIM, 2021].

Se observa que o negacionismo e a anticiência fazem parte da história, principalmente em regimes totalitários, e que mesmo que sua origem anteceda o início da internet, foi com o seu uso que esses discursos passaram a se organizar ativamente. Com o uso da internet, muitas vezes se confunde o que é fato e o que é falso. [CAPONI, 2020]

4.2 O negacionismo e a anticiência durante a pandemia da Covid-19

4.2.1 As primeiras manifestações do governo chinês

Foi em dezembro de 2019 que surgiu o primeiro foco da Covid-19 no mundo, mais especificamente, em Wuhan, uma cidade com cerca de 10 milhões de habitantes no centro da China. Ao mesmo tempo em que a doença surgia e se espalhava por outras cidades da província de Hubei, por duas semanas as autoridades chinesas decidiram

omitir informações essenciais sobre a doença até então desconhecida [GREER, 2021].

Um fato de grande repercussão associado a esse posicionamento do governo Chinês, de controlar as informações, foi o ocorrido com o médico Dr. Li Wenliang. Em dezembro de 2019, Dr. Li Wenliang publicou em um grupo fechado de ex-colegas de faculdade no WeChat (rede social chinesa) que haviam sido identificados no Hospital Municipal de Wuhuan sete casos de SARS (*Severe acute respiratory syndrome*) relacionados ao Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Wuhuan. Após a publicação, o médico foi detido junto a outras sete pessoas sob a acusação de “espalhar rumores”. Todos tiveram que assinar confissões de transgressão, o que desestimulou outros profissionais de saúde a divulgar informações sobre a doença até então desconhecida [GREEN, 2020]. Semanas depois, em fevereiro de 2020, Dr. Li Wenliang entrou para as estatísticas assim como muitos profissionais de saúde da linha de frente entrariam, contraindo e falecendo da mesma doença de seus pacientes [South China Morning Post, 2020].

É desconhecido o número preciso de casos e mortes devidos a essa combinação entre a Covid-19 e as primeiras ações do governo chinês. Mesmo assim, epidemiologistas que entrevistaram pacientes da primeira onda da doença, afirmam que foi no início de dezembro que o vírus começou a se proliferar em Wuhan [Huang, 2020].

No início de janeiro de 2020, a comissão de saúde de Wuhan (WHC, *Wuhan Health Commission*) anunciou que havia casos de “pneumonia de origem desconhecida”, mas insistiu na narrativa de que não existia evidência de transmissão entre seres humanos e que não haviam profissionais de saúde que tivessem contraído a doença. Esta última declaração foi desmentida posteriormente por relatos de profissionais de saúde que já identificavam diversos casos suspeitos de pneumonia entre seus colegas de profissão. Nesse mesmo mês, a WHC também informou que o uso de máscaras era “requerido somente quando necessário” e, novamente contra as evidências, noticiou que não haviam sido identificados novos casos da doença [GREER, 2021].

Ainda em janeiro de 2020, Wuhan sediou eventos que reuniram centenas de pessoas na cidade e só ao fim desses eventos que a WHC noticiou que foram identificados 21 novos casos da doença até então desconhecida. Mesmo assim, esse número difere do número de casos suspeitos relatados por médicos da linha de frente

em Wuhan na época [GREER, 2021].

Foi no final de janeiro de 2020 que houve o rompimento repentino dessa lógica por parte do governo chinês. A WHC anunciou novos casos confirmados e admitiu que “definitivamente havia transmissão entre humanos” e que a quantidade de casos aumentava. A partir dessa mudança de discurso e do aumento vertiginoso de casos, se observa também uma rápida mudança de ação do governo chinês, iniciando estratégias em Wuhan que foram replicadas em outras províncias conforme a disseminação da doença [GREER, 2021].

4.2.2. O controverso estudo publicado e refutado no International Journal of Antimicrobial Agents

O período subsequente ao reconhecimento mundial da seriedade da Covid-19 foi marcado pela pesquisa e busca de soluções que pudessem contribuir para o controle da doença. Um estudo publicado pelo médico francês Didier Raoult (2020) no *International Journal of Antimicrobial Agents*, sob o título “*Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of COVID-19: results of an open-label non-randomized clinical trial*”, afirmava que a hidroxicloroquina era um fármaco eficiente no combate à Covid-19

“We show here that hydroxychloroquine is efficient in clearing viral nasopharyngeal carriage of SARS-CoV-2 in COVID-19 patients in only three to six days, in most patients [...]. These results are of great importance because a recent paper has shown that the mean duration of viral shedding in patients suffering from COVID-19 in China was 20 days” [RAOULT, 2020]

A publicação em questão também sugeria haver uma suposta sinergia a partir da combinação de hidroxicloroquina e azitromicina:

“Our preliminary results also suggest a synergistic effect of the combination of hydroxychloroquine and azithromycin” [RAOULT, 2020]

Além disso, na conclusão da publicação, os autores recomendam o uso de hidroxiclороquina e azitromicina combinadas para o tratamento da infecção pelo coronavírus, e finalizam sugerindo que o uso desses fármacos pode ser eficiente como quimioprofilaxia para prevenir a transmissão do vírus:

“We therefore recommend that COVID-19 patients be treated with hydroxychloroquine and azithromycin to cure their infection and to limit the transmission of the virus to other people in order to curb the spread of COVID-19 in the world. Further works are also warranted to determine if these compounds could be useful as chemoprophylaxis to prevent the transmission of the virus, especially for healthcare workers.” [RAOULT, 2020]

Essa publicação chamou a atenção de diversos setores da sociedade e ganhou repercussão global diante de posicionamentos públicos do presidente dos Estados Unidos e da aprovação em caráter emergencial pela *Food and Drug Administration* (FDA) de uma nova apresentação da hidroxiclороquina para o tratamento da Covid-19 [PILLER, 2020]. Mesmo assim, cabe ressaltar que o estudo em questão não seguiu os padrões do guia de práticas médicas, os autores excluíram dados de análises de pessoas que morreram, foram transferidas de Unidades de Terapia Intensiva (UTI) ou interromperam o tratamento por efeitos colaterais [GOLDMAN, 2021].

Após a publicação deste artigo, grupos negacionistas passaram a incorporar o uso *off-label* da hidroxiclороquina e azitromicina como parte de sua agenda [CAPONI, 2021]. Como consequência, o aumento do uso da hidroxiclороquina cresceu substancialmente nos Estados Unidos nesse período [JAMA, 2020]. Alguns meses após essa publicação, foi também publicada no mesmo veículo (*International Journal of Antimicrobial Agents*) uma carta ao editor (Goldman, 2021) questionando os métodos e racional do estudo e a falta de acompanhamento às Boas Práticas Clínicas na condução do estudo. A partir

disso, foi publicada também no mesmo jornal uma resposta do médico francês Didier Raoult reconhecendo as críticas do artigo original.

4.3 O negacionismo institucionalizado pelo governo brasileiro: do kit-covid ao descaso com as vacinas

Foi em 26 de fevereiro de 2020 que foi identificado o primeiro caso de Covid-19 no Brasil. O paciente era um homem vindo da Itália, país que passava por um grande aumento de casos na época. Nessa época, o Governo Federal Brasileiro chegou a subestimar a doença por meio de declarações públicas do presidente. Mesmo assim, não demorou muito para que ocorresse um aumento vertiginoso no número de casos até que o País se tornasse um polo de preocupação mundial quanto à proliferação da doença. Cabe ressaltar que isso não foi decorrente de coincidência ou acaso, mas sim de uma sequência de falhas graves vindas do Governo Federal e do Ministério da Saúde brasileiros [CAPONI, 2020].

Se observa que o governo federal brasileiro, na figura do presidente Jair Bolsonaro, por vezes se espelhou no governo dos Estados Unidos durante a gestão de Donald Trump. Isso se evidenciou nas declarações favoráveis ao uso de hidroxicloroquina e outros medicamentos sem evidência científica como tratamento à Covid-19. No governo Bolsonaro, essas declarações se iniciaram após posicionamento similar do presidente dos Estados Unidos e se mantiveram mesmo depois do final do mandato de Donald Trump [CAPONI, 2020].

No caso brasileiro, o Governo Federal foi além, elaborando o chamado “kit-covid”, um coquetel de medicamentos sem indicação terapêutica para o tratamento da Covid-19 e que foi promovido como uma alternativa de tratamento e prevenção da doença (Figura 1) Mesmo contrariando as orientações da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), o coquetel foi amplamente distribuído como uma solução rápida e milagrosa para a pandemia. Cabe ressaltar que nesse período o governo dos Estados Unidos fez uma doação de 2 milhões de doses de hidroxicloroquina ao governo brasileiro após posicionamento contrário da FDA e pressões de outros setores pela interrupção da promoção do uso incorreto desses medicamentos [MAGALHÃES, 2021].

Além da promoção do *kit-covid*, outro fator marcou a gestão da pandemia pelo governo brasileiro: o descaso com as vacinas e a batalha política contra a vacinação. Foram diversas as situações e declarações que evidenciaram essa falha grave. A começar pela falta de retorno a dezenas de *e-mails* enviados por um fabricante de vacinas [O GLOBO, 2021] durante meses, fato que foi investigado e publicizado posteriormente na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Senado Federal brasileiro sobre a pandemia. Declarações e insinuações do presidente questionando o uso de vacinas também ganharam muita repercussão nesse período [CAPONI, 2020].

É importante lembrar que, por vezes, não foram apenas declarações polêmicas do presidente brasileiro que geraram preocupação, mas também ações inconsequentes. Cabe destacar a disputa que o Governo Federal estabeleceu contra a ANVISA quanto à vacinação de crianças e adolescentes do Brasil. Com o avanço das discussões sobre a inclusão dessa faixa etária na bula das vacinas, o presidente ameaçou divulgar os nomes dos profissionais da ANVISA responsáveis pela aprovação dessa alteração em um ato de intimidação, dadas as ameaças de morte que esses profissionais vinham sofrendo de grupos antivacina [SENADO FEDERAL, 2021].

Outro caso importante de se destacar é a falsa polarização estabelecida desde o início da pandemia entre a defesa da governabilidade ou da economia em detrimento da defesa da vida. Alguns autores consideram essa como a principal premissa do negacionismo com relação à pandemia: antagonizar saúde e economia, o que inclusive foi vocalizado pelo presidente brasileiro em declarações públicas: “salvar vidas ou salvar a economia”. Além disso, foi esse o maior obstáculo para a contenção da proliferação do vírus no início da pandemia [CAPONI, 2020]. Na época não havia vacinas, e o isolamento social e os *lockdowns* eram a recomendação mais segura para reduzir os riscos principalmente para os setores mais vulneráveis.

4.4 O caso Prevent-Senior no Brasil

Fundada em 1997 em São Paulo, a Prevent Senior é uma operadora de saúde e hospitais brasileira que se diferenciou no mercado para o atendimento de idosos. Durante a pandemia de Covid-19, a operadora iniciou um estudo clínico em seus

pacientes similar ao feito (e já refutado) pelo médico francês Didier Raoult (2021). [SENADO FEDERAL, 2021]

Os métodos deste estudo, porém, foram ainda mais controversos do que o estudo inicial. Durante a CPI da pandemia, se identificou que houve a ocultação de dados e informações relevantes para a confiabilidade dos resultados e segurança dos pacientes. Houve ocultação do número de mortes, falsificação de altas, os pacientes não sabiam que estavam participando de um estudo, os médicos eram orientados e pressionados a receitar e entregar aos pacientes o “kit-covid” (sob risco de retaliações ou demissões) e havia ainda a orientação para “reduzir custos” de direcionar um volume alto de pacientes internados a um setor de cuidados paliativos. Nesse setor já não havia mais tratamento focado na reversão do quadro clínico de pacientes que ainda poderiam ter alguma melhora [BETIM, 2021].

4.5 A adesão à vacinação no Brasil e no mundo e o papel do SUS no combate à pandemia

O Sistema Único de Saúde (SUS) é um dos maiores sistemas de saúde do mundo e teve respostas eficientes para epidemias do Vírus da Imunodeficiência Humana da Síndrome da imunodeficiência adquirida (HIV/AIDS), Hepatite C e Influenza H1N1 [PAIM, 2011]. Além disso, o Brasil tem um sistema de vigilância em saúde bem desenvolvido e reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). As expectativas globais eram de que o Brasil não seria um país tão afetado pela pandemia de Covid-19 como de fato foi. [GREER, 2021]. Durante a pandemia foi possível observar a divergência entre os posicionamentos do presidente e a estrutura do SUS em diversas oportunidades, como o controle de fronteiras e a aprovação de vacinas pela ANVISA [Bolsonaro: Brazilian Supreme Court opens investigation into vaccine comments, 2021].

Ainda que as posições e atitudes do presidente tenham gerado um cenário pessimista sobre como o Brasil enfrentaria a pandemia, a estrutura do SUS e do Programa Nacional de Imunização (PNI) na aprovação, distribuição e aplicação de vacinas foi um diferencial valioso para garantir uma cobertura vacinal significativa da população. Mesmo assim, cabe ressaltar que isso poderia ter ocorrido com muito mais

antecedência se houvesse colaboração do poder executivo.

5. CONCLUSÃO

É desconhecida a quantidade de vidas que seriam poupadas no Brasil e no mundo caso não houvesse interferência do negacionismo e da anticiência desde o início da pandemia. A falsa polarização entre defesa da vida e defesa da economia criada por alguns setores contribuiu para o atraso e retirada de medidas importantes de contenção da proliferação do vírus. Mesmo sendo desconhecidos os números, é seguro dizer que muitas vidas seriam poupadas se medidas como *lockdowns* tivessem sido corretamente cumpridas.

No Brasil, o período foi marcado pela influência do negacionismo no governo federal. Esse fator determinou muitas das consequências da pandemia para os brasileiros, como o atraso no início da vacinação, o uso descontrolado de medicamentos ineficazes, e o alto número de mortes e internações. É preocupante como o sistema político brasileiro permitiu que muitas ações e declarações anticiência ocorressem enquanto milhares de profissionais de saúde se expunham na linha de frente do combate à Covid-19 correndo risco de vida. A atuação desses e outros profissionais de saúde foi essencial para minimizar os impactos da disseminação da doença.

6. REFERÊNCIAS

BARBERIA, Lorena G. MARTINS-FILHO, Paulo Ricardo; **The unjustified and politicized battle against vaccination of children and adolescents in Brazil**; The Lancet, Abril de 2022

BETIM, Felipe; OLIVEIRA, Regiane; BENITES, Afonso; **Prevent Senior, em busca do macabro milagre da cura pela cloroquina que alimentou Bolsonaro**; El País, Setembro de 2021;

Bolsonaro: Brazilian Supreme Court opens investigation into vaccine comments; Acessado em <<https://www.bbc.com/news/world-latin-america-59528857>> BBC, Dezembro de 2021

CAPONI, Sandra; BRZOZOWKI, Fabiola Stolf; HELLMANN, Fernando; BITTENCOURT, Silvia Cardoso; **O uso político da cloroquina: COVID-19, negacionismo e neoliberalismo**; Revista Brasileira de Sociologia, 2020

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis; **Denial of Politics and Denialism as a Policy: pandemic and democracy**; Educação e Realidade, 2020

GOLDMAN, Jason D.; DIAZ, George; URBA, Walter J.; **Use of hydroxychloroquine in combination with azithromycin for patients with COVID-19 is not supported by recent literature**; International Journal of Antimicrobial Agents; Janeiro de 2021;

GOTLIB, Jessica; JORDÃO, Fernando; **Bolsonaro diz estar bem e que foi tratado para covid-19 com cloroquina: "Reação quase imediata"**; Correio Braziliense, Julho de 2020;

GREEN, Andrew; **Li Wenliang Obituary**; The Lancet, Vol. 395, Ed. 10225, p. 682, Fevereiro de 2020

GREER, Scott L.; KING, Elizabeth J. FONSECA Elize Massard da; PERALTA-SANTOS,

André. **Coronavirus Politics: The Comparative Politics and Policy of COVID-19.** University of Michigan Press Ann Arbor, 2021

HUANG, Y. **China's public health response to the COVID-19 outbreak.** China Leadership Monitor, 2020

LAUXMANN, Martin Alexander; SANTUCCI, Natalia Estefanía Santucci, AUTRÁN-GÓMEZ, Ana María **The SARS-CoV-2 Coronavirus and the COVID-19 Outbreak** 1 Brandenburg Medical School Theodor Fontane, Brandenburg an der Havel, Germany; 2 Faculty of Health Sciences, Joint Faculty of the Brandenburg University of Technology Cottbus – Senftenberg, the Brandenburg Medical School Theodor Fontane and the University of Potsdam, Brandenburg an der Havel, Germany; 3 Instituto de Inmunología Clínica y Experimental de Rosario (IDICER), Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Universidad Nacional de Rosario (UNR), Rosario, Argentina; 4 Department of Urology, University Hospital Fundación Jiménez Díaz, Madrid, Spain; INT BRAZ J UROL Volume 46, SUPPL, 2020;

MAGALHÃES, David; CASARÕES, Guilherme; **The hydroxychloroquine alliance: how far-right leaders and alt-science preachers came together to promote a miracle drug;** Fundação Getúlio Vargas, Fevereiro de 2021;

MINISTÉRIO DA SAÚDE; **Plano Brasileiro de Preparação para Enfrentamento de uma Pandemia de Influenza** Acessado em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_brasileiro_pandemia_influenza_IV.pdf>; 2010

NETO, O. Amorim **Presidential cabinets, electoral cycles, and coalition discipline in Brazil.** In S. Morgenstern & B. Nacif Legislative politics in Latin America; Cambridge University Press, 2002

O GLOBO, Agência; **Governo ignorou 53 e-mails da Pfizer sobre vacina;** Junho de

2021

PAIM, J., TRAVASSOS, C., ALMEIDA, C., BAHIA, L., & MACINKO, J. **The Brazilian health system: History, advances, and challenges.** The Lancet, 2011;

PILLER C. Former **FDA leaders decry emergency authorization of malaria drugs for coronavirus.** Revista Science; 10 de Abril de 2020;

RAOULT, Didier; GAUTRET, Philippe; LAGIER, Jean-Christophe; PAROLA, Philippe; HOANG, Van Thuan; MEDDEB, Line; MAILHE, Morgane; DOUDIER, Barbara; COURJON, Johan; GIORDANENGO, Valérie; VIEIRA, Vera Esteves; DUPONT, Hervé Tissot; HONORÉ, Stéphane; COLSON Philippe; CHABRIÈRE, Eric; SCOLA, Bernard La; ROLAIN, Jean-Marc; BROUQUI, Philippe; **Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of COVID-19: results of an open-label non-randomized clinical trial;** International Journal of Antimicrobial Agents, 2020

RAOULT, Didier; GAUTRET, Philippe; LAGIER, Jean-Christophe; HOANG, Van Thuan; MEDDEB, Line; **Response to the use of hydroxychloroquine in combination with azithromycin for patients with COVID-19 is not supported by recent literature;** International Journal of Antimicrobial Agents, 2021;

SAAG, Michael S. **Misguided Use of Hydroxychloroquine for COVID-19 The Infusion of Politics Into Science** JAMA, Novembro de 2020

SENADO FEDERAL; **Relatório Final CPI da Pandemia;** Outubro de 2021;

ROUSSO, Henry. **Le syndrome de Vichy** (1944-1987). Paris Seuil, 1987.

SILVA, Lucas; FILHO, Dalson Figueiredo; FERNANDES, Antônio; **The effect of lockdown on the COVID-19 epidemic in Brazil: evidence from an interrupted time series design** Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz. Outubro de 2020

SOUTH CHINA MORNING POST. **Li Wenliang: an 'ordinary hero' at the centre of the coronavirus storm.** Fevereiro de 2020.

VALIM, Patricia; AVELAR, Alexandre de Sá; BEVERNAGE, Berber; **Negationism: History, Historiography and Research Perspectives;** Revista Brasileira de História, vol41, n. 87, p13-36. 2021;

VERDÉLIO, Andreia; **Brasil recebe 2 milhões de doses de hidroxiclороquina dos EUA;** Agência Brasil EBC, Junho de 2020;

7. ANEXOS

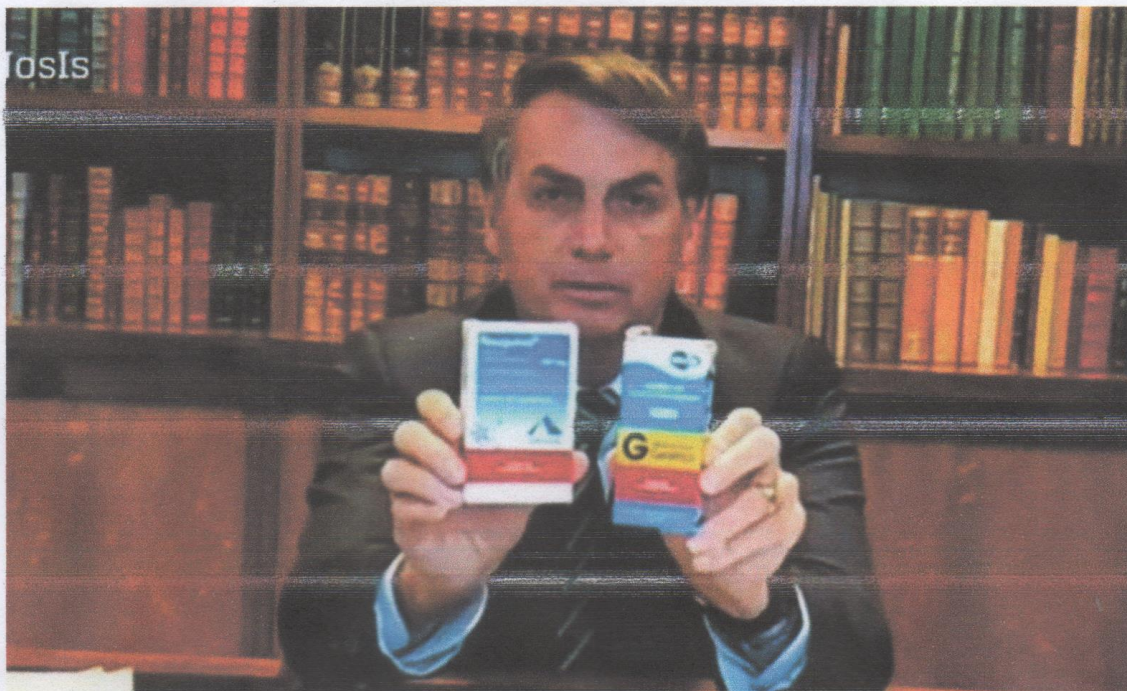


Figura 1: Presidente brasileiro propaganda em live embalagens de medicamentos que compõem o chamado "kit-covid". Fonte: Correio Braziliense

Data e assinatura do aluno(a)

20/05/22
Data e assinatura do orientador(a)